

Até que ponto é  
**Fantasia?**



AMANDA CANDIDO

Até que ponto é  
**Fantasia?**



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020

Copyright © Amanda Candido, 2016

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Nadja Moreno**  
**Tiago Toy**

REVISÃO  
**Bianca Gulim**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Candido, Amanda

Até que ponto é fantasia? / Amanda Candido. – 1ª edição – São Paulo:  
Coerência, 2020

ISBN: 978-85-5327-225-9

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

## AGRADECIMENTOS

Acredito que a gratidão seja um dos sentimentos mais lindos. Por isso, não posso deixar de colocar aqui alguns dos nomes que me acompanharam até este momento tão importante, o momento de partilhar um pedacinho meu com o resto do mundo.

Nesta primeira parte da história, agradeço aos meus pais, Ezequiel e Letícia, e à minha avó, Arlene. Assim que contei sobre o livro, vocês foram adoráveis. Também agradeço àqueles da nossa família que me apoiaram durante esse processo.

Felipe e Carmen, vocês são os principais responsáveis pelo meu amor à literatura; desde cedo me fizeram acreditar que, por meio da escrita, eu poderia dizer muito e de uma forma interessante.

Bia, você, que literalmente me viu crescer, foi a primeira pessoa com quem escrevi, e a partir de então fui me soltando e florescendo. Muito obrigada por toda a paciência que teve comigo.

Kim e Marcus, sem dúvida vocês são meus amigos. Cada palavra que trocamos foi importante, e o carinho que sinto por vocês é imensurável.



*Dedico este livro a todos aqueles que, mesmo perdidos na loucura do mundo, buscam se encontrar.*





# I

OPS...

LUNA

— Atende logo...

Apertei meus braços com força contra o peito, subindo e descendo ansiosamente na ponta dos pés. Era a segunda vez que eu tocava a campainha sem que Gabriel desse um mero sinal de vida. Batendo os dentes, puxei o gorro de tricô para baixo, protegendo as minhas orelhas. O contraste do céu nublado com o ipê-amarelo encostado no muro chamou minha atenção, como uma promessa de que esfriaria ainda mais.

Olhei através da grande janela retangular da sala deduzindo que estaria quentinho lá dentro. Quem olhasse de fora não imaginaria que além da fachada o belo sobrado era tão grande. Eu visitara o andar de cima apenas uma vez, mas tinha certeza de que, ao todo, eram três quartos espalhados por um longo corredor.

Gabriel finalmente apareceu, sorrindo e acenando para chamar a minha atenção.

— Oi, Lun. Você chegou cedo. A campainha não funciona se não apertar e segurar por um tempo.

— Assim? — perguntei ao apertar o botão como ele explicara, fazendo-o rir antes de continuar:

— Por isso demorei pra perceber que tinha chegado. Tudo bem com você?

— Uhum. Trouxe tudo o que me pediu — falei e estendi várias folhas recém-impresas amarradas com um barbante frouxo.

Atrapalhado com os prazos, ele acabara se esquecendo de mandar imprimir a parte teórica de um dos trabalhos mais importantes do semestre. O *pen drive* com o arquivo havia ficado com um orientador que ainda estava no câmpus. Como eu também estava lá, conseguira imprimir em uma gráfica aberta na rua da faculdade. Sorte dele que eu era uma das poucas pessoas a ficarem por lá depois das aulas em plena sexta-feira.

— Obrigado — disse ao me abraçar apertado, como sempre. — Está ocupada hoje?

— Na verdade, não. Por quê?

— Estava aqui pensando e... bem que você poderia me ajudar com o meu trabalho. O que acha? Com a parte do design, slogan e tal... — Encolheu o nariz. — Estou sem criatividade, e sei que você tem de sobra. Por favor?

Aquela cara de pidão sempre era muito convincente, e eu, como uma boa amiga, não podia dizer não. Ambos sabíamos que, embora nos conhecêssemos havia poucos anos, éramos melhores amigos e poderíamos sempre contar um com o outro.

— Só porque você pediu com jeitinho.

Abri um sorriso largo, e ele retribuiu.

— Vamos!

Assobiando, Gabriel trancou o portão. Era seu jeito secreto — ou não tão secreto assim — de comemorar. Só um pouco mais de empolgação e ele agiria exatamente como um personagem daqueles desenhos animados antigos. Era muito divertido, mas, quando ele percebia que estava sendo observado, parava; e eu fazia a maior cara de paisagem.

Entrei na sala e tirei o casaco, pendurando-o ao lado dos outros atrás da porta. Como previra, estava bem aconchegante lá dentro. Assim que dei um passo à frente, senti Sherley, a gata, esfregando-se em minhas pernas. Agachei-me para acariciar o pelo macio e malhado das costas dela.

— Conseguiu o que queria? — Len, o irmão de Gabriel, perguntou.

Esparramado no sofá grande, ele comia o último cookie de um pote sobre a mesinha. De todas as vezes que havíamos nos encontrado,

nunca o vira tão descontraído. Vestia um jeans surrado, um moletom azul-marinho e meias. Os sapatos estavam um ao lado do outro, encostados na lateral do sofá. Os cabelos escuros, quase pretos, estavam bastante bagunçados e algumas mechas caíam desengonçadas sobre a armação daqueles óculos — dos quais ele não se separava —, enquanto outras tocavam de leve seu pescoço.

— Consegui! — comemorou Gabriel, sorrindo para mim.

— Por que essa menina está aqui? — perguntou Len com uma breve careta conforme se ajeitava no sofá.

Fechei a cara. Não entendia como ele podia simplesmente detestar até mesmo *mencionar* a presença de alguém que mal conhecia e que nunca lhe fizera nada de mau. Mesmo me esforçando, não conseguia me lembrar de ter cometido um único deslize nas poucas vezes que tínhamos nos encontrado, então só me restava imaginar qual seria o problema dele e de todo aquele rancor sem sentido que fazia questão de despejar sobre mim.

— Porque ela vai me ajudar.

Com o olhar, Gabriel pediu que eu tivesse paciência. Respirei fundo.

— Bom te ver — cumprimentei-o sem muita sinceridade e apenas para não parecer mal-educada.

— Não posso dizer o mesmo.

Suspirei olhando ao redor, ignorando a gargalhada de Len. Notei que tudo estava igual, exceto pelo novo tapete, de um tom escuro de creme e bem mais felpudo do que o antigo. Fui para o meio da sala querendo esparramar meus pés, mas Sherley bloqueou o caminho. Quase me desequilibrei para não pisar nela.

— Opa!

Sempre tão atrapalhada... Por muito pouco não havia deixado o único quadro da estante cair. Gabriel riu. Ele sabia o quanto eu era distraída e que por isso minha coordenação nunca fora o meu forte. Já Len apenas bufou, apoiando o queixo em uma das mãos, claramente entediado.

— Senta aí — Gabriel apontou para o sofá em que o irmão estava — que vou buscar o notebook e o resto das coisas.

Cruzei os braços, e ele juntou as mãos em súplica para acompanhar a costumeira cara de pidão. Suspirei novamente e, contrariada, sentei-me no extremo oposto do sofá. Gabriel sorriu largo antes de correr para cima. Não conseguia entender o que ele via de interessante em deixar Len e eu sozinhos na mesma sala por mais de dois minutos se o que estava prestes a acontecer era óbvio: Len seria um estúpido e eu chegaria perto de perder a linha — se não a perdesse. Talvez imaginasse que fôssemos nos entender de uma hora para a outra ou algo igualmente absurdo. Iludido...

O silêncio de Len me incomodava, mas eu me recusava a puxar assunto. Preferi fingir que ele não estava ali, assim como ele adorava fazer comigo, mas não funcionou e o tempo pareceu se estender ainda mais. Uma eternidade havia se passado, e Gabriel não descia logo para me livrar daquela situação embaraçosa.

Misteriosamente, em vez de fingir que eu não existia, Len pigarreou e, por trás dos óculos, ergueu uma das sobrancelhas na minha direção. O que ele queria?

— Quer dizer que você também sabe ficar calada? — perguntou em tom de deboche, ajeitando os óculos com o rosto virado para a televisão desligada.

Deveria ter imaginado que ele só abriria a boca para me provocar. Enchi os pulmões de ar, mas não disse uma palavra. Não daria esse gostinho a ele. Só de estar perto dele eu já sentia meu sangue ferver, e o jeito de ele proferir cada uma daquelas palavras era como mais e mais lenha na fogueira. Não queria ceder a provocações estúpidas, mas minha língua coçava.

— Olha... — cedi, tentando soar calma.

— Não leva para o lado pessoal.

Não aguentei e olhei para ele, irritada. Percebi em sua expressão fria algo levemente estranho, diferente. Queria saber o que era, mas não perguntaria. No fim, expeli o ar com força ao me lembrar dos nossos últimos e nada agradáveis encontros. A vontade de responder falou mais alto.

— É você que leva tudo para o lado pessoal — eu disse entre dentes.

– Falou a Miss Simpatia.

– Como se você pudesse ver alguma coisa além do seu próprio umbigo.

Fuzilei-o com os olhos. Detestava ficar nervosa, mas, quando se tratava dele, era impossível até mesmo contar até dez. Se eu conseguisse chegar a três seria muito.

– Você se esforça bastante para responder à altura, não é mesmo? Ele se virou para mim com um sorriso de escárnio.

– Ora, seu... – comecei, apontando para ele; provavelmente vermelha, considerando o calor em minhas bochechas, bati com a mão no sofá já me inclinando sobre ele, pronta para...

– Pessoal? – Gabriel chamou nossa atenção.

Aproveitei para me afastar sem olhar para Len. Gabriel provavelmente havia passado um tempo nos assistindo trocar faíscas antes de decidir se envolver. Ele dizia que o irmão dificilmente insistia em implicar com alguém e que eu era uma espécie de exceção, o que só me fazia entendê-lo ainda menos. O que raios ele tinha contra mim? Não fazia sentido! Pela forma com que me tratava, Len só podia me odiar, e muito.

Gabriel ensaiou um sorriso na tentativa de amenizar o clima tenso. Arregalei os olhos e consegui voltar a sorrir ao ver tudo o que ele trazia nas mãos. Pelo jeito, estava mais animado do que eu imaginara. Normalmente, ele preferia mil vezes a parte da apresentação e debate, pois achava todo o resto uma chatice. Só podia ser a ansiedade mudando os ânimos; afinal, ele tinha mais três dias de prazo e só metade do trabalho concluída.

– Nossa, quanta coisa!

– Mãos à obra!

Gabriel despejou tudo no sofá pequeno enquanto o irmão erguia uma das sobrelhas ao constar que até ele achava que eram muitas coisas. Gabriel começou a arrumar tudo em pequenas pilhas conforme eu ligava o notebook. Sentada no tapete, comecei a separar as folhas conforme ele as entregava para mim. Distraída por um instante, notei

que Len se levantara, levando consigo o pote vazio de cookies. Na porta, virou-se na minha direção, sério, como se fosse dizer algo importante.

– Não saia por aí espalhando as coisas, estranha.

Mais uma vez, não me contive e bufei bem alto para que ouvisse antes de sair da sala aos risos.

Depois de explicar o que tinha em mente, Gabriel pediu para que eu lesse algumas páginas do trabalho. Foi fácil de entender, e antes mesmo de terminar a primeira página comecei a ter ideias que logo se transformaram em anotações e rabiscos, todas prontamente aprovadas por ele.

– Aí podemos jogar um laranja bem vibrante aqui para rimar com aquele amarelo hiperativo do slogan – eu disse, satisfeita com a imagem colorida dos rabiscos, por ora cinzentos, que se formavam em minha mente. – Isso vai valorizar as formas.

– Você fala das cores de um jeito engraçado.

Conforme ordenava algumas folhas espalhadas, Gabriel apontou com o ombro para o irmão, que tinha voltado e ligava a televisão fingindo desinteresse em nossa conversa. Só que ele não fingia muito bem... Ignorei, voltando a atenção a Gabriel.

– Mas é assim... É que estou sem lápis de cor aqui e não quero que imagine um amarelo chocho e aguado, por exemplo. Tem que chamar a atenção, mas sem muito contraste pesando em tudo, sabe? Tenta fazer algo assim, mesmo que mais suave no design da página. Aposto que vai ficar bom.

– Exato! Estou começando a ter ideias novas. – Ele afagou minha cabeça como se eu fosse um gato. Por acaso, Sherley, que passava por nós, parou e me encarou por um momento com aqueles olhos verdes e inteligentes antes de seguir para a cozinha. – Obrigado, Lun. Você captou a ideia rapidinho.

– O que mais esperava de mim? – perguntei e pisquei para ele, fazendo graça.

– Hum...

Gabriel pousou a mão sob o queixo e encarou o teto, fingindo estar pensativo. Acertei um peteleco em seu pescoço, fazendo-o esfregar a nuca.

— Ai! Ei, defende o seu irmãozinho — resmungou para Len, que respondeu com uma expressão que questionava se ele estava falando sério.

Abafei meu riso para que Len não achasse que aquilo tivesse a ver com ele. Espalhei mais anotações sobre a folha do slogan, para então rabiscar a página seguinte do meu bloco de notas, totalmente distraída. Era um fato: eu não podia ficar por mais de dois minutos com um papel em branco e qualquer coisa que escrevesse nas mãos sem que começasse a desenhar ou rabiscar sobre as pessoas e coisas ao meu redor. Os mais singelos lugares e situações logo me faziam pensar em cenários e possíveis enredos.

Minhas bochechas arderam feito brasa quando percebi que o novo rabisco formara o rosto de Len. Pensei em amassar a folha, picotá-la em milhões de pedacinhos, acender a lareira e... Soltei o papel, assustada com a música barulhenta do celular de Gabriel, que estava debaixo do meu joelho. Levantei-o, envergonhada, para que ele o pegasse.

— Pode falar. — Atendeu e subiu para o quarto sem me dar explicações.

— Vai lá, eu te espero... — resmunguei, ciente de que provavelmente fosse um dos meninos do grupo pedindo alguma coisa; essa mania de deixar tudo para a última hora gerava esses empecilhos.

Poucos minutos depois, Gabriel desceu desligando o aparelho e começou a colocar sobre o sofá as folhas que estavam no chão.

— Lun, vou ter que sair voando. Por favor, tentem não se matar.

De trás da porta, Gabriel apanhou um casaco marrom e se agachou para amarrar os cadarços. Arrepiei-me com a fria corrente de ar que invadia a sala.

— Mas a-aonde você vai? — perguntei, preocupada, ao me levantar.

— Volto em meia hora! — gritou um segundo antes de bater a porta.

Sentei-me no braço do sofá um tanto aborrecida mordendo o lábio inferior. Mais uma vez, ele me largara com o mala do irmão dele. Olhei para os meus All Stars amarelos pensando em como me entreter durante todo aquele tempo.

— A Sherley comeu a sua língua? — Len implicou conforme brincava com um cubo mágico que até então eu não tinha visto. — Hein? — insistiu, mexendo-se no sofá, parecendo tão desconfortável quanto eu.

— Quem sabe... — Dei de ombros e suspirei. Não estava em um dos meus dias mais “tagareláveis”, por assim dizer. Len, por outro lado, parecia determinado a me fazer falar, algo bem inesperado vindo dele. Mudei de assunto: — Sua avó não está?

Era difícil não ver dona Serena em casa numa tarde comum de sexta-feira. Normalmente, ela estaria me empanturrando com seus deliciosos bolinhos de amora. Não que eu fosse reclamar...

— Foi fazer compras ou algo assim, não tenho certeza. Logo deve estar de volta, já que não dá aulas hoje.

Ficamos em silêncio por longos e torturantes minutos. Len tinha feito e desfeito as combinações do cubo dezenas de vezes; eu, jogada no sofá, mudara o canal da televisão outras centenas e desligara depois do quarto trecho do comercial da Yarllok’s em três canais diferentes.

Ele se levantou bufando e foi com passos duros para a cozinha. Parecia irritado por algum motivo que eu desconhecia. Minha presença, talvez? Torci o nariz, azeda, olhando para o meu celular. Só onze minutos tinham se passado, embora parecesse ter sido uma verdadeira eternidade. Ele não podia fingir gostar de mim só um pouquinho para fazer tudo aquilo ser menos aborrecedor? Se não fosse por Gabriel, eu com certeza já teria ido embora.

Escutei a campainha tocando e corri para ver quem era.

— Você ainda está aí na sala? — A voz de Len veio da cozinha. — Pode atender? Estou meio ocupado aqui. As chaves estão atrás da porta.

— Tudo bem.

Contrariada pelo “pedido”, peguei as chaves e abri a porta. Uma senhora baixinha e grisalha usando um vestido marrom com enormes flores amarelas estava no portão. Trazia uma caixa bem grande sobre um carrinho. Parecia cansada pelo esforço de carregá-la, mas, mesmo assim, seguia os meus passos com olhos escuros e um sorriso no rosto.

— Oh, uma jovem tão adorável! Você deve ser netinha dela... Sua avó está?

— Não, a dona Serena saiu — informei, sorrindo na tentativa de aplacar a decepção da provável viagem perdida. — Sou só uma amiga do neto dela.



— Tudo bem. Por favor, você poderia receber isso por ela? — Apon-  
tou para a caixa. — Diga que foi uma velha amiga que deixou.

— Claro. A senhora aceitaria um copo d'água? — perguntei quando  
finalmente consegui destrancar o estreito portão de ferro.

— Não precisa, minha filha. Agradeço pelo favor. — Apertou minha  
mão com firmeza. — Aposto que vocês, crianças, irão adorar o que tem aqui.

— Não foi nada...

Sem graça, retribuí os sorrisos dela. Quantos anos aquela senhora  
pensava que eu tinha? Tudo bem que eu parecia ser mais nova, mas  
não era para tanto.

— Oh, lá está ela!

A senhorinha acenou para dona Serena, que, com as mãos cheias de  
sacolas, descia a rua, apressada. As duas amigas se abraçaram e come-  
çaram a falar sobre assuntos do cotidiano enquanto eu brincava com a  
chave entre os dedos pensando que Ângela e eu seríamos assim um dia,  
considerando que nos conhecíamos desde pequenas e pretendíamos  
manter nossa amizade durante toda a vida. Quanto a Gabriel... nesse caso  
não havia no que pensar, era um fato. O problema foi que, ao imaginar  
meu amigo e eu na terceira idade, a imagem de um Len idoso e ainda  
mais rabugento veio junto. Sacudi a cabeça, como se assim pudesse me  
livrar daquela terrível visão.

Depois de se despedirem e a senhorinha ir embora, dona Serena  
pegou a chave da minha mão e me abraçou.

— Que bom que está aqui, querida!

Abri um sorriso e me agachei para erguer a caixa de papelão. Ela era  
imensamente mais pesada do que eu imaginara. O que havia dentro,  
tijolos? Estava louca para largar aquilo assim que pudesse, mas meu  
foco era não pisotear as flores no caminho.

— Quer ajuda?

— Não precisa.

— Tem certeza? — insistiu ao ver o neto encostado na porta.

— Tenho, eu... estou bem. — Tentei passar confiança.

Depois de tomar fôlego, comecei a andar. Ainda viria a pior par-  
te: o caminho até a casa. Eram poucos metros, mas não seriam nada

fáceis ou agradáveis. Se eu andasse depressa talvez não pesasse tanto. Dona Serena levou suas sacolas para dentro, mas não sem antes beijar a bochecha de Len, que parecia estar me esperando.

– Quem era? – ele perguntou assim que me aproximei.

– Uma velha amiga... da sua avó. Ela me pediu para receber... essa caixa enorme aqui.

Coloquei-a no chão com cuidado e aproveitei para ajeitar uma teimosa mecha castanha que caía no meu rosto. Len afundou os dedos nos cabelos. Havia algo em seu semblante. Parecia... desconfortável?

– Devo te ajudar?

Ele estendeu as mãos, parecendo não saber muito bem o que fazer.

– Não, acho que consigo sozinha.

Não era como se a caixa pesasse uma tonelada. Ergui-a novamente e dei mais alguns passos, mas, talvez por azar, tropecei em meus próprios pés. Instantes antes de a caixa cair, consegui desviar e evitar que ela esmagasse meu pé, mas acabei caindo também. Não tinha sido uma queda muito feia, mas meu traseiro doía e eu provavelmente ficaria com o cotovelo roxo.

– Ops... – eu disse, sem graça ao perceber que esmagara algumas frésias.

– Ops? – Len começou a gargalhar. Será que era assim tão difícil fazer de conta que se importava? Mesmo que eu tivesse me machucado toda, apostava que ele não ligaria. Talvez risse ainda mais. Cruzei os braços, bastante incomodada com a falta de empatia dele. – Gostou tanto assim do chão ou só não está a fim de se levantar? – disse em tom de deboche. – Ah, mas é claro! Onde está o meu cavalheirismo?

Estendeu a mão de um jeito teatral. Ele só podia querer me deixar mais irritada! Eu não aceitaria a ajuda daquele idiota.

Notei que Len estava ficando mais sério, provavelmente por causa do meu silêncio. Óbvio que não era como se pudesse ser algo sincero.

– Humph! – resmunguei ao me levantar sozinha, ignorando a mão estendida dele, e espanei a terra das minhas roupas.

– Você se machucou?

– Não.

Olhei, preocupada, para a caixa. Esperava não ter quebrado algo. Ajeitei meus cabelos mais uma vez e pensei em como carregá-la sozinha para dentro da casa. Concluí que eu tinha poucas chances de sair livre de dores musculares ou de evitar mais quedas.

— Vamos, te ajudo a carregar essa coisa — disse num tom que deixava claro que o faria mesmo se eu não quisesse. — Só tenta não jogar a gente contra uma parede, ok?

O meio sorriso sarcástico dele me fez buscar o ar que me faltava, mas consegui ignorar a provocação. Erguemos a caixa do chão, e, com bastante cuidado, fui na frente, conseguindo nos guiar para dentro da casa.

— Espera — eu disse, diminuindo os passos até parar. Estiquei o pescoço e falei mais alto: — Dona Serena, onde podemos colocar essa caixa?

— Na biblioteca. — A voz dela veio de longe.

Assim que pisamos no corredor, ela apareceu brevemente na porta da cozinha enxugando as mãos num pano de prato. Claramente estava se divertindo com nossas expressões. Assim que entramos na biblioteca, procurei por um bom lugar para depositar a caixa. Parecia perfeito deixá-la encostada à única parede livre de prateleiras.

— Acho que podemos soltar aqui — eu disse; sentia que logo aquele frágil papelão se rasgaria entre os meus dedos. Len e eu nos preparamos para descê-la com cuidado, mas, assim como eu temia, o papelão rompeu e o que julguei ser um baú de mogno caiu no chão com um estrondo. Largamos o papelão e nos agachamos ao mesmo tempo sobre o tapete, tocando o objeto de madeira maciça cheio de gravuras florais. O enorme cadeado de ferro que ele ostentava não parecia ser muito fácil de abrir. — Incrível! Ainda existem coisas assim.

Sorri, encantada com o objeto.

— Grande coisa...

— Só se for para você!

— Curiosos? — Da porta da biblioteca, dona Serena nos observava sorrindo, talvez porque não estivéssemos nos atacando feito dois gatos como usualmente. De um dos bolsos do casaco, ela tirou uma chave prateada. — Vocês estão oficialmente contratados para vasculhar isso por mim. — Entregou a chave ao neto. Depois, foi até a estante perto da mesinha e passou os olhos pelas lombadas dos livros, puxando um de

receitas. Antes de sair, voltou-se a nós e disse: — Quando terminarem, um chá quentinho estará esperando pelos dois.

E se foi.

— Me dá essa chave. Quero ver o que tem dentro.

— E se eu não quiser?

Sorriu, desafiador.

— Sei ser persistente.

— Sério?

Ele riu, sarcástico, erguendo as sobrancelhas, e apoiou o peso do corpo nas mãos. Eu já disse o quanto ele era irritante?

Algo brilhante sob os restos da caixa chamou minha atenção. Aproximei-me e descobri uma pequena garrafa de vidro tampada com uma rolha frouxa.

— O que é isso?

— Isso o quê?

Ele parecia impaciente: ponto para mim. Não era como se eu gostasse de provocar as pessoas, mas com Len era diferente; ele merecia. Peguei um livro aleatório de uma das outras três estantes da biblioteca e comecei a folheá-lo, certificando-me de ser bem barulhenta e fazendo pouco caso com a curiosidade dele.

— Hum...

— Fala logo.

Ele parecia uma criança chateada.

— E se eu não quiser? — Sorri, orgulhosa por devolver a provocação. Imaginar que ele devia estar me fuzilando com os olhos me divertia. O que estava acontecendo comigo? Eu não era daquele jeito. Devia ser influência dele. — Só porque sou boazinha, proponho um acordo. — Devolvi o livro à prateleira e olhei para ele. — Podemos cooperar um com o outro para trabalharmos juntos só dessa vez, ou continuamos nessa briga sem fim e não chegamos a lugar nenhum. Você escolhe.

— Droga...

Len estava exagerada e visivelmente infeliz com a minha ideia, mas se o fizesse seria melhor para nós dois. Ele estendeu a mão direita, pegando-me

de surpresa. Não imaginava que a curiosidade dele pudesse superar a teimosia tão rapidamente. Apertei-a, firmando o acordo, e só então entreguei a garrafa para ele.

– A estrelinha dentro da garrafa é igual à que está desenhada na chave... – Pensei alto olhando para o delicado vidro.

Nunca imaginaria encontrar algo tão frágil com um baú tão grande e pesado; sem contar que, com as quedas ou manuseio sem cuidado, a garrafa poderia ter se quebrado em milhares de pedacinhos.

Len analisava cuidadosamente o frasco com uma expressão esquisita; talvez estivesse um pouco decepcionado por não ser nada de mais. Aproximei-me do baú para procurar qualquer pista de sua origem. Na parte de cima, sobre a tampa curvada, havia um emblema com formato curioso incrustado. Uma liga de madeira envolvia toda a borda da parte de cima da base do baú, como se formasse uma cinta decorada com pequenos elos de metal. Levantei o cadeado e encontrei uma peça ovalada de ferro em que conseguia ver, sob a poeira, apenas a letra “A” entalhada com clareza. O resto do que estava escrito permanecia oculto na sujeira.

– O que está escrito aqui? – murmurei mais para mim mesma.

– Não pergunte para mim. Eu sou cego.

Len levantou as palmas das mãos como se declarasse inocência. *Não me diga...* Revirei os olhos segurando o riso – que quase me traiu. Depois, esfreguei a manga da blusa no metal até conseguir ler alguma coisa.

– Arca do – quase encostei o nariz na madeira – tempo. Que nome mais estranho. Pensei que fosse um baú.

– Baús são retos – ele gesticulou como se fosse especialista no assunto –, e arcas, arqueadas. Qualquer semelhança com o nome é mera coincidência.

– Muito engraçado...

Desviei o olhar e, dessa vez, ri baixinho. Eu era tão desatenta para o que era excessivamente óbvio... Len devia pensar que eu era estúpida demais, mas eu não podia fazer nada além de torcer para as minhas bochechas esfriarem um pouco enquanto tentava imaginar o que havia dentro da *arca*.

# 2

## COMO ASSIM, RAPUNZEL?

LEN

O riso leve de Lun me pegou desprevenido. Mesmo sem querer, já me perguntava como seria a gargalhada dela. O sorriso que dei em resposta talvez não tenha parecido tão arrogante quanto eu gostaria que fosse, então torci para que ela não tivesse percebido.

– Que tal abrir isso logo? – sugeri, mudando de assunto.

Contornei a fechadura com uma das mãos e girei a chave entre os dedos da outra. Depois, encaixei-a no cadeado, que se abriu num clique e caiu pesadamente no chão. Juntos, erguemos a tampa da arca, e Lun se inclinou, mexendo em seu interior.

– Tem uma carta aqui dentro – ela disse, desdobrando o papel ruidosamente.

– O que está escrito aí?

Respirei fundo. Detestava depender dos outros para saber daquele tipo de coisa, mas pelo menos tínhamos aquela droga de acordo... Encostei-me na parede do lado direito da arca e passei a mão nos cabelos; estavam uma bagunça.

Pelo silêncio, ela devia estar me encarando. Ajeitei meus óculos na tentativa de esconder o lampejo de expectativa que passou pelo meu rosto. Impaciente, batuquei na lateral da arca com os dedos, e Lun esticou ainda mais o papel; nada de dizer o que estava escrito. Ela enrolava de propósito? Eu estava prestes a quebrar a nossa breve trégua para

mandá-la ir à merda quando ela limpou a voz e se encostou à parede, pronta para ler.

— Puxe o pano e encontrará vários clássicos que atravessaram o tempo e embebedaram gerações e gerações com sua magia, mostrando a realidade para os menos preparados.

Coloquei a mão dentro da arca e realmente senti um pano que parecia ser de veludo. Puxei-o com cuidado para que o pó que senti sobre ele não se espalhasse. Lun fez um barulho esquisito ao se jogar... de joelhos?

— Ah, Len... Você *tem* que ver isso. São livros! *Peter Pan*, *Branca de Neve*, *A Bela e a Fera*... — tagarelou, sonhadora. E eram muitos. Com a mão dentro da arca, tateei e percebi que todos tinham a mesma espessura, algo bastante estranho. Cada história, logicamente, deveria ter um tamanho diferente, não? — Nunca deixei de gostar dessas coisas... — ela disse, quase ronronando. — Sente só o cheiro desse livro. Tão bom!

Lun espirrou, e eu aproveitei para pegar o livro que ela, sem perceber, segurava encostado no meu braço; empolgada, ignorava a nossa “falta de intimidade”. Ela não precisava saber, mas não era como se eu achasse aquilo particularmente ruim. Lun era bastante incomum, e mais uma vez eu estava começando a achar que aquilo não era bem um defeito. Por mais que eu não quisesse admitir, ela me intrigava. Não media palavras ou gestos, era direta e nunca fazia questão de me agradecer. Sem contar que provocá-la era bastante divertido.

— Estranha... — eu disse em tom de deboche e voltei a atenção para o livro em minhas mãos.

Aquela, sim, era uma capa dura de verdade, e eu adorava aquele tipo de livro. Depois de me deliciar com o barulho sólido dos meus dedos batendo na capa de couro, procurei entre os outros livros o lugar de onde ela tirara aquele e o coloquei de volta.

— Reescrevemos esses contos com uma tinta tão encantada quanto seus dizeres, por isso tome cuidado para não mergulhar a estrela fugaz no mundo da fantasia: ela pode pertencer ao mundo dos sonhos, mas

seu lugar é na realidade. — Ela parou de ler e ficou em silêncio. Parecia pensativa. Fiz sinal para que se manifestasse. — Será que é a estrela daquele pote? — perguntou com um tom divertido na voz; devia estar mesmo considerando aquela hipótese esquisita.

— Deve ser simbólico.

Dei de ombros. Onde eu tinha colocado a garrafa? Deveria ter prestado mais atenção. Corri as mãos perto da arca e por sorte a encontrei rapidamente.

— Espera. Tem alguma coisa errada com isso.

Era só o que faltava... Eu devia ter danificado aquela coisa sem querer. Passei a mão no vidro mais de uma vez e vi que ele permanecia intacto, sem uma rachadura sequer. Torcendo o nariz, entreguei o pote para ela.

— O quê? Parece normal pra mim — eu disse.

— A estrela que estava aqui dentro sumiu sem deixar rastros. Muito estranho... Deve ser algum tipo de truque.

Ela sacudiu o pote, talvez na esperança de que a estrela reaparecesse.

— Magia... — Revirei os olhos com a minha própria piada. — Vai que, ignorando a literalidade da coisa, só você pode ver essa tal estrela.

— Ha, ha. Ha!

Aquela risada forçada não soou tão falsa, como se ela realmente tivesse levado meu comentário a sério, mas não importava. Estiquei as pernas, esperando que ela continuasse com a leitura da carta, que era mais estranha do que a garota que a lia. Um riso passeou pelos meus lábios ao pensar nisso.

— Estamos muito gratos pela oportunidade de disponibilizar nossos livros. Aproveitem a leitura; especialmente você, querida Estela. — Ela dobrou a carta e a enfiou dentro da arca. — Fim.

— Considerando todos os títulos que você mencionou, aposto que essa Estela era uma criança.

— Também acho.

Peguei um livro aleatório e o girei entre os dedos. Novamente virei o rosto para ela, esperando algum comentário, que não veio. Gabriel



dissera que Lun se distraía com facilidade, mas eu não imaginava que era tão grave.

Contornei as confusas letras desenhadas em baixo-relevo com uma caligrafia fina e quase desisti na terceira tentativa. A cada letra que eu tocava, menos certeza da anterior eu tinha. Elas eram rasas demais. Por que precisavam entrelaçá-las até parecerem um monte de rabiscos indefinidos ou letras no meio das letras? Já estava suspeitando de que alguns deles poderiam ser algum tipo de desenho por trás do título ou... Devia ser algo bem bonito de se ver, mas com certeza não era “bonito” de se tocar.

— Ru...? Ou é Re?

— Rapunzel? — arriscou.

Ri, sem graça. Se ela não tivesse falado, eu provavelmente passaria minutos naquilo, mas acabaria acertando por dedução. Imaginá-la me olhando fazer aquilo não era agradável. Não era como se eu me envergonhasse ou algo do tipo, só me sentia estranho, analisado... Levantei-me, desconfortável, pensando em como mudar de assunto.

— O que tem de mágico nesses livros? Brilham no escuro? — perguntei, fingindo desinteresse. — Já abriu algum deles?

— Não — respondeu; pelo tom, estava surpresa com a própria afirmação.

Ela se aproximou para pegar o livro que eu segurava — as boas maneiras não deviam incentivá-la a pedir antes de fazer algo assim? —, mas, ainda um pouco incomodado, puxei-o para longe. Ao contrário do que Lun pensava, com ou sem trégua, eu não facilitaria as coisas.

— Ei!

Tarde demais para desviar. Sem conseguir parar e atrapalhada que era, ela caiu em cima de mim. No susto, o livro escorregou dos meus dedos e aterrissou no assoalho, caindo provavelmente aberto, longe do nosso alcance.



Era uma vez um jovem casal muito pobre que desejava, acima de tudo, ter filhos. Quando finalmente tiveram seu desejo atendido, viveram felizes por alguns meses. Quase no final da gravidez, a moça começou a cobiçar os fartos rabanetes, parte deles em flor, que cresciam no jardim da vizinha, uma mulher envolvida em boatos que iam da avareza à bruxaria. O marido, com medo de perder esposa e filho por um simples capricho, decidiu seguir a sugestão da esposa e cometer o roubo. Porém, ela não se satisfez com os que ele colhera. Queria mais e não comeria nada além daqueles suculentos rabanetes.

Na noite seguinte, ele voltou a invadir o jardim da vizinha. Mais uma vez, os que conseguira não resolveram o problema, então ele continuou com os furtos.

Certa noite, ele mal pisara no jardim e foi descoberto pela dona dos rabanetes. Marido e esposa se explicaram, mas a vizinha se negou a dar os rabanetes sem antes receber o valor devido, alto demais para que pudessem pagar. Com o pedido negado, a moça tentou conter o desejo, mas, à medida que os desejava, mais e mais sua saúde definhava.

Desesperado, o homem recorreu à vizinha e explicou a situação, ainda que temendo ser severamente punido. Para sua surpresa, ela o ajudou de bom grado, mas com a condição de, um dia, receber como pagamento qualquer coisa que pedisse em troca. Com medo de perder a oportunidade, ele aceitou. Dali em diante, todos os dias ela preparava e levava os rabanetes para a moça, que logo recuperou sua saúde. Com o nascimento da filha, uma menina linda e sadia, a vizinha retornou para cobrar o combinado. Para o desespero do casal, a vizinha levou o bebê como pagamento da dívida.

A garotinha cresceu, tornando-se cada vez mais bela. Temendo que a desposassem e a levassem embora, a bruxa cuidou dos cabelos da garota, fazendo-os crescer dia após dia, sem parar. Logo que a cabeleira alcançou inacreditáveis onze metros de comprimento, a bruxa foi morar com a garota em uma torre sem portas ou escadas no meio da floresta. Julgava que lá ambas poderiam viver juntas para sempre.

Num belo dia, encostada na janela, a moça acordou com a sensação de que estava mergulhando em água morna.

*Onde estou?*, pensou, confusa.

— Rapunzel, Rapunzel! Jogue-me suas tranças... *castanhas?* — gritou a bruxa aos pés da torre.

— Como assim? — A moça franziu o cenho. Então olhou para os próprios cabelos presos em duas tranças enormes. Puxou uma delas com força e sentiu uma dolorosa pressão na raiz. — Ai! O que está acontecendo comigo? E que voz do além é essa? — perguntou ao passo que andava em círculos, procurando ao redor.

Por consequência do nervosismo — o coração disparava! —, quase tropeçou nos próprios cabelos.

— Filhinha, algum problema aí em cima? — perguntou a bruxa, preocupada.

— Na-nada não. Estou indo!

Jogou as tranças pela janela num gesto automático, como se obedecer ao pedido fosse o certo a se fazer.

Pelas tranças, a bruxa subiu a torre sem grande esforço; estava acostumada àquilo. Assim que colocou os pés na torre, a primeira coisa que fez foi abraçar a garota. Rapunzel se sentou na cama sem recolher os cabelos, que continuavam pendurados do lado de fora, e deixou os olhos correrem de um lado para o outro. Começava a achar que havia batido a cabeça e por isso estava alucinando, mas tudo era *tão* real...

— Trouxe umas coisinhas para você — disse a bruxa, sorrindo.

Ao ver aquele rosto ainda mais enrugado devido ao sorriso, a garota imaginou que ela tinha por volta de uns quarenta anos. Rapunzel olhou para ela sem disfarçar a confusão.

— Obrigada — balbuciou.

— Você me parece um tanto corada. Será febre? Aconteceu alguma coisa? — perguntou, preocupada, colocando sobre a mesa as coisas que trouxera para tocar as bochechas da moça.

— Estou bem. Acho que só preciso lavar o rosto. — Rapunzel tentou sorrir, afastando-se aos poucos. — Não precisa se preocupar comigo.

— Vou buscar algumas flores para fazer um chá. Logo vai se sentir melhor. Enquanto isso, descanse. — Levou a jovem até a janela e ajeitou as tranças com cuidado, certificando-se de que era seguro antes de descer. Chegando lá embaixo, gritou: — Até logo, minha menina!

Quando a viu desaparecer entre as árvores, Rapunzel puxou as tranças de volta.

— O que está acontecendo aqui? — Leves notas de pânico começaram a oscilar em sua voz. — Não posso simplesmente ter entrado num livro, virado parte da história e reaparecido vestida assim. — Olhou, estupefata, para o próprio vestido, que estremecia com o vento. — Ou posso? Eu me lembro de um conto com esse nome, de um príncipe que salva a princesa... e de mais nada. Você é o narrador? — perguntou, olhando para os lados e depois para o teto, esperando que alguém caísse diante dela. — Será que enlouqueci?



O príncipe caminhou na direção de uma árvore, mas desviou antes de se chocar contra ela, e seguiu na direção de um tronco caído, parando diante dele. Depois, passou a mão na superfície áspera e se sentou.

— Que conveniente! Até parece um GPS. — Espreguiçou-se, rindo de canto. — Onde será que aquela encruqueira se enfiou? Parece que entramos na história do livro... Mas como? Não me lembro de nada, só de uma torre. E ainda tem essa coisa de ficar falando sozinho... Que estranho, não consigo controlar. — Depois de um tempo, levantou-se. — Você me diria alguma coisa, Narrador? — perguntou, mas não recebeu resposta. — Ok. Acho que se eu andar por aí vou acabar encontrando a garota, certo?

Ao não receber respostas, deu de ombros e continuou a caminhada.

A cada passo se aproximava mais e mais do coração da floresta, um lugar bastante perigoso, mas, por algum motivo, ele continuava seguindo naquele mesmo caminho. Poderia ir para a cidade ou então para o castelo, mas não era o desejo em seu coração.

Alguém começou a se aproximar sem pressa e, desconfiado, o príncipe se escondeu atrás de um arbusto — sem saber, deixou metade do corpo exposta. Depois, abaixou-se, ficando completamente oculto entre os galhos. Como não sabia quem era nem se podia confiar no desconhecido, pensou que seria melhor observar antes de agir.

— Rapunzel, Rapunzel, jogue-me suas tranças de caramelo! — a senhora gritou.

Em seguida, o príncipe ouviu o ruído de algo pesado caindo no chão, da respiração ofegante dela enquanto subia pela torre e então o assobio de algo parecido com uma corda sendo puxada mais de uma vez.

— Então isso é uma torre? — perguntou, mesmo sabendo que não receberia resposta. Como estava ocupado falando sozinho, o príncipe mal escutava a conversa entre as duas mulheres. — Ha, ha, ha... — ele disse e bufou, apoiando o queixo na mão.

Minutos depois, a mesma senhora começou a descer da torre. Ainda com cuidado para não ser visto, o príncipe esperou até que ela se afastasse de vez antes de sair do esconderijo. Decidiu tentar fazer o mesmo para descobrir o que havia lá em cima.

— Rapunzel, Rapunzel, jogue-me suas tranças de... cogumelo! — gritou esperando que a imitação de voz fosse boa o bastante. — Parece que errei a frase... — murmurou com ironia. Por estar distraído, foi pego de surpresa pelo que caíra diante dele. — Isso é cabelo? — perguntou ao tocar nas enormes tranças. — Parece que sim... Francamente, essas coisas só acontecem em contos de fadas. — Com os olhos bem fechados e o maxilar travado, ele subiu evitando ao máximo pensar em quão longe estava do solo. — Em cabelos, estou pensando em cabelos, não na altura...

Segurou com mais força as madeixas macias.

— Len?

Rapunzel sorriu, aliviada, quando o viu pular desajeitadamente janela adentro.

— Oi, princesa! — debochou pouco antes de tropeçar nas tranças e quase cair de joelhos.

— Eu não avisei, né?

Ela mordeu o lábio inferior, fazendo cara de desentendida.

— Engraçadinha... — Recompôs-se e caminhou com mais cuidado. — Acho que aquele livro nos trouxe para dentro dessa história, mas não consigo me lembrar dela, se é que a conheço.

— Também não me lembro, mesmo que eu tenha certeza de que a conhecia antes de abrir o livro. — Suspirou. — Eu sinto que você vai precisar me tirar daqui.

Puxou boa parte do cabelo trançado para perto de si. Não queria que ele acabasse se esborrachando no chão.

— É só sair pelas escadas — disse como se fosse óbvio.

— Não tem nenhuma. Já procurei até debaixo do tapete.

— Como assim? Não me diga que só dá para subir e *descer* usando os seus cabelos...

Ele apertou os olhos com ainda mais força e se encostou à parede, incrédulo.

— Parece que sim. Mas, então, como vim parar aqui em cima? — ela se perguntou e apertou os lábios. — Duvido que exista uma escada tão grande por aqui.

— Vamos dar um jeito. — Desencostou-se da parede e deu as costas a ela. — Acho melhor eu ir. Vai que aquela mulher volta e me encontra aqui. Se ela trancou uma “princesa” na torre, deve ter um bom motivo. — Apoiou-se na janela e respirou fundo ao procurar pelas tranças, que estavam no chão, à esquerda. — Obrigado, Narrador! — Sorriu, alcançando-as e as jogando pela janela. — Vou ver se arranjo uma escada de cordas pra você descer comigo — ele disse e partiu, sumindo de vista.

— Tomara que ele consiga.

Ela suspirou ao se debruçar na janela para contemplar o lindo entardecer. Por estar cansada e não ter mais nada para fazer, adormeceu pouco tempo depois.

— Rapunzel, jogue-me suas tranças, querida — a bruxa pediu, sorridente. Subiu cantarolando e desfez as tranças da filha. — Que bom que o chá que eu trouxe te fez melhorar. Está tão perigoso lá fora, minha menina. Nem imagino o que aconteceria com você caso eu te deixasse descer — disse ao pentear os cabelos da jovem com delicadeza; a cada movimento da escova, sorria com olhos orgulhosos para as mechas gigantescas.

— Acho que entendo.

Rapunzel deu de ombros ao mesmo tempo em que a mãe começava a trançar o cabelo da filha.

— Que bom que você está mais conformada e calma do que antes. — No fundo, a bruxa estranhou aquela mudança repentina, mas abandonou os pensamentos e a abraçou. Então se ajeitou, foi até a janela e amarrou a ponta da trança com um laço apertado. — Vou sair de novo para adiantar algumas coisas. Volto em duas horas. Quero passar o resto da semana com você. Se tudo der certo, só saio amanhã bem cedinho, mas volto à tarde.

A bruxa desceu e se afastou. Enquanto isso, a moça se sentou na janela e aguardou o retorno de seu belo príncipe.

— Meu príncipe?

A trança escorregou para fora, e, com o movimento brusco, Rapunzel quase caiu da janela.

— Você já me viu daí? — o príncipe perguntou ao longe, imaginando que ela jogara a trança para ele.

— É claro... É claro — mentiu. — Narrador dedo-duro!

Bufou com irritação. Lá embaixo, o príncipe gargalhou. Assim que alcançou o alto da torre, amarrou sistematicamente uma escada na janela.

— O tamanho bateu? — perguntou, abrindo passagem para ela verificar.

— Claro que não. Ainda falta um terço, senhor calças bufantes!

Ela suspirou olhando para fora. Queria sair logo dali.

— Desculpa se eu não vi a altura da torre.

Ele cruzou os braços, ofendido, e Rapunzel baixou o olhar. Não queria ter descontentado toda a frustração nele, mas não aguentava mais ficar trancada. O príncipe decidiu reconsiderar e baixar a guarda ao perceber que aquela não era uma boa hora para brigar.

— Parece que nossa personalidade, aparência e todo o resto interferem na história. Lá no castelo, eles não ajudaram muito. Mesmo eu sendo o príncipe mais velho, me trataram como um filho bastardo ou um nobre qualquer. — Deu de ombros. — Acho que é como se nesse lugar eu também tivesse ficado cego quando mais novo.

Rapunzel o encarou com curiosidade. Não sabia daquilo sobre ele. Na verdade, não sabia quase nada sobre ele. Recostando-se na janela, decidiu não estender o assunto.

— Interessante. Até a linguagem deles, ou nossa, não sei, parece menos rebuscada do que deveria ser. Acho que o livro foi feito para qualquer um conseguir “ler” sem esforço.

— Bom, acho que está na hora de eu ir. — Percebeu que ela, pelo menos, não era tão intrometida. A garota bufou, olhando torto para ele. — Preciso conseguir mais corda. Você aguenta até amanhã sem mim?

Ergueu as sobrancelhas e sorriu, sarcástico.

— Com certeza! E só para não pensar que não quero que você volte, vou acenar da janela como aquelas princesinhas dos filmes. Assim está bom pra você? — Ela revirou os olhos. — Ah, vem pela manhã. Ela não estará aqui tão cedo.

— Pode deixar.

Ele desceu com cuidado, e ela acenou, fazendo-o rir pouco antes de sumir entre as árvores.

Logo a bruxa voltou e junto à filha passou o tempo contando histórias. Rapunzel reparou que ela era cuidadosa e bastante dedicada e concluiu que não devia ser tão má quanto imaginara.

— Mesmo estando tarde, vou sair só mais uma vez — anunciou a bruxa. — Parece que estamos com pouca lenha para esta noite. Vou buscar as que deixei na nossa antiga casa. Quer alguma flor ou algo do velho jardim? — perguntou, já se preparando para descer.

— Pode me trazer rapúnzios? Eles lembram o meu nome — Rapunzel pediu depois de pensar um pouco.

A bruxa desceu e bons minutos depois voltou a subir com bastante cuidado para não amassar as flores.

— Como você demora! O príncipe é bem mais rápido — disse assim que a bruxa entrou pela janela. — Ei! Era pra isso ser um pensamento! — exclamou ao ver o rosto furioso da mãe... Ou era tristeza? Não saberia dizer.

— Você me traiu! Esta torre era para nós duas vivermos juntas para sempre, mas você deixou um estranho entrar. Isso não é justo! Só o meu amor não é o suficiente? — A cada palavra, a voz ficava mais carregada de raiva e mágoa. — Esse seu príncipezinho vai pagar por ter tomado parte do seu coração, que era para ser só meu.

Ela pegou uma faca na estante.

— Mas e-espera! Não foi bem isso... — Rapunzel tentou se explicar, temendo que a bruxa a esfaqueasse.

— Sem “mas”! — Possessa, a bruxa cortou a trança da filha rente ao pescoço e caminhou, puxando-a pelos cabelos até o centro da sala. Sem muita dificuldade, empurrou uma estante pesada, revelando a entrada de uma escada que descia em



espiral. — Primeiro vou castigar você, depois será a vez do seu príncipe — disse enquanto arrastava a moça à força.

Sem o menor indício de remorso, a bruxa abandonou a filha sem qualquer amparo no meio do deserto e retornou à torre por meio de um caminho confuso demais para que Rapunzel pudesse voltar.



— Jogue-me suas tranças, Rapunzel! — o príncipe gritou num tom engraçado na manhã seguinte, meio cantarolado. Uma única trança caiu. Ele subiu o mais rápido que pôde, parando na frente da janela com a escada feita de cordas cuidadosamente pendurada no ombro. Passara as últimas horas na tarefa de amarrar os pedaços de tecido, já que, ao contrário da última vez, não conseguira algo pronto. — Então, estranha, acho que consegui o bastante para enfim descermos juntos.

Estava contente e especialmente aliviado por estar quase se acostumando com a altura da torre.

— Você roubou o coração da minha filhinha, seu monstro! — ralhou a bruxa, surgindo das sombras com um dedo apontado para o príncipe confuso.

Arregalou os olhos, surpreso.

— Como assim? Onde ela está? — perguntou olhando inutilmente na direção da voz que ouvira.

— Não se faça de desentendido! Você nunca mais vai vê-la!

— Não é como se eu já tivesse visto antes... — Ele riu, ainda que hesitante, mas ela o ignorou e avançou, apoiando as mãos no peito dele, pronta para empurrá-lo. Os joelhos do príncipe amoleceram e o coração disparou. — O quê? — perguntou, virando a cabeça para cima, mas logo foi empurrado janela abaixo.

Nem sequer teve tempo para se desesperar. Por instinto, conseguiu apenas cobrir os olhos com um dos braços. No alto da torre, a bruxa fechou a janela com um baque depois de o ver caído em um espinheiro, sem perceber que saíra praticamente ileso.

— Agora era para eu ficar cego, é isso? — Ele riu consigo mesmo, saindo do estado de choque ao ter um breve vislumbre de mais uma parte da história. —

Isso você já tinha desde o começo. Agora devo buscar aquela pirralha em um deserto, certo? Vê se me ajuda um pouquinho, Narrador...

Como não recebeu resposta, voltou-se para o caminho que levava à cidade. Então se virou de novo e seguiu, dessa vez em direção ao deserto.



— Eu devia fazer alguma coisa — Rapunzel falou consigo mesma, desolada.  
— Ficar parada não ajuda em nada. Se o sol fica para o Leste... — Ela girou o corpo com uma das mãos estendidas. — Mas dava ou não para o ver da torre? Não me lembro. E quando ela me trouxe aqui era noite e... Por qual lado viemos? Como sou burra! — Passou a mão pelo cabelo, agora assimétrico. — Já me perdi umas trinta vezes nas últimas horas. Bem que você poderia me ajudar... — Ergueu as mãos para o céu. Nenhuma ajuda veio.  
— Cantar? Era isso que a moça fazia, não era? Que constrangedor! — Rapunzel ficou vermelha com a ideia. — Eu me recuso a fazer isso. *Ele* me azucrinaria para sempre... — continuou falando sozinha. — Len! — Na esperança de ser ouvida, decidiu chamar por ele.



— Calor, calor... — o príncipe murmurou ao, afetado pela alta temperatura, quase abraçar um cacto no topo de uma duna. Desviou por pouco, sentindo as botas afundando na areia quente. — **Pelo menos nenhuma miragem é capaz de me iludir, mas esse zumbido...** — Ele se sentou e tirou a areia das botas esfoladas. Todos os arranhões em sua pele causados pelos espinhos ardiam, e o vento carregado de areia só piorava as coisas, mas sentiu que já se acostumava com a dor. — **Nunca pensei que teria tanto trabalho justo por causa daquela garota...** — Levantou-se e bateu as mãos nas bochechas queimadas de sol. — **Só mais um pouco...** — disse pela centésima vez.

Já mal estava se aguentando em pé quando ouviu uma voz rouca chamando seu nome. Correu na direção dela e na pressa se atrapalhou todo, tropeçando várias vezes até conseguir alcançá-la em um pequeno oásis não muito longe de onde estava.

— Len!

Rapunzel se deixou cair ao lado dele, que riu, cansado.

— Até que enfim!

— Estava tão perdida que acabei não ajudando em nada. Por um momento, pensei que nunca mais nos encontraríamos... — Desviou o olhar, sentindo o vento excessivamente quente contra os seus recém-cortados cabelos. O príncipe, por sua vez, apenas ria. — Qual é a graça?

Apontou para o rosto dele, nervosa, e quase caiu sobre ele ao deslizar na areia.

— Nada, nada...

Ele segurou o riso e tentou não pensar naquilo para não ser delatado pelo Narrador. Rapunzel cruzou os braços, desistindo de esperar algo minimamente humano ou empático da parte dele.

— Seu chato!

— Nossa! — Ele fingiu estar abalado. — Sou o que agora?

— Uma pedra, seu insensível! — Encarou seu rosto querendo que ele abrisse os olhos. — Eu estava preocupada... Isso não tem graça.

— Comigo? — Ele apontou com o dedo para si, confuso. Imaginou não ter escutado direito. — Pensei que você me odiasse.

— Eu não te odeio... — ela admitiu, chutando a areia para jogar as pernas para a frente. — Não dava para saber o que aquela mulher podia fazer. Se ela deixou a *própria filha* passando fome no deserto, o que faria com um estranho que ameaçou tirá-la de casa?

— Ela só me jogou pela janela — disse ele, indiferente.

— Como assim?!

— Saí praticamente intacto — disse, como se cair de uma torre fosse algo irrelevante. — Ah, falando nisso... — Ele gargalhou ao, assim como ela, finalmente se lembrar do resto da história. — Que bom que não se passaram meses e você não me recebeu com gêmeos.

— Você teria desistido — acusou Rapunzel, abraçando os joelhos ralados.

— Duvidando de mim? Eu também posso ser persistente, sabia? — Ele a encarou por trás das pálpebras fechadas. — Mesmo que fossem meses,

não desistiria de te procurar. Gabriel me mataria se você sumisse de repente.

— Como se eu pudesse agradecer depois de você falar algo assim!  
— Ela se afastou mordiscando o lábio. — Na história, eles se beijavam e...

Ela emudeceu, enrubescendo adoravelmente, evitando pensar naquela hipótese terrível.

— Sou tão feio assim? — ele a interrompeu com o costumeiro tom irônico.

— Não necessariamente. — Deu de ombros, sincera. Evitava contato visual, pois tinha medo de que algum pensamento revelador escapasse e o Narrador desse uma de fofoqueiro. — Mas com certeza é arrogante, indiferente, cínico, dissimulado, implicante, frio, idiota...

Foi se aproximando.

— Nossa! Quantos elogios. Estou lisonjeado. Não sabia que era minha fã.

— Vou te ignorar. — Revirou os olhos e cerrou os punhos, determinada.  
— E agora, só para sair disso... Fica parado.

— Pra quê?

Ele inclinou o rosto na direção dela.

— O nosso “felizes para sempre” — ela disse como se fosse algo óbvio e lascou um beijo na bochecha dele.



Algo como uma “luz” morna pareceu nos envolver. Eu me sentia meio tonto, mas, pela mudança brusca de temperatura, tinha certeza de que não estávamos mais no meio do deserto.

Estávamos de volta à biblioteca.